

Cinema de Arte

Acervo Digital

promoção

organização

direção

do

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

Realização — Michelangelo Antonioni
Argumento e roteiro — Antonioni e Tonino Guerra
Fotografia — Gianni di Venanzo
Cenografia — Piero Kolletto
Música — Giovanni Fusco
Interpretação — Alain Delon, Monica Vitti, Francis
e Ribal, Louis Seigner, Lella Gagliardini
Produção — Paris Film Production e Interopa
Cinema — 1967

17 - Setembro - 1966

"O ECLIPSE"

("L'ecclise")

FICHA TÉCNICA

Realização — Michelangelo Antonioni

Argumento e roteiro — Antonioni e Tonino Guerra

Fotografia — Gianni di Venanzo

Cenografia — Piero Roletto

Música — Giovanni Fusco

Interpretação — Alain Delon, Monica Vitti, Francisco Rabal, Louis Seigner, Lila Brignone

Produção — Paris Film Production x Interopa, Gineriz — 1961.

★ Prêmio especial do júri no Festival de Cannes, de 1962

Quando este sétimo filme de Michelangelo Antonioni foi vibrante-mente aplaudido por uns e fortemente vaiado por outros em Cannes na noite da exibição, e mais ainda no encerramento do festival quando se proclamou a sua premiação, definia-se o caráter polêmico da obra desse cineasta que está entre os quatro ou cinco maiores de nosso tempo.

Perante Antonioni, ou se admira muito ou se nega totalmente: não pode haver impassibilidade. A adesão ou a recusa: eis o sentimento do público, pois nunca a neutralidade, a frieza, o distanciamento.

Desde "Crime da alma" (1951), Antonioni construiu um estilo. Que nele nem é apenas forma, pois também concepção do mundo. Alguns pensaram que esse estilo negava o neo-realismo da escola italiana do pós-guerra. Não souberam ver que o neo-realismo tem limites maiores do que os imaginados por uma crítica fechada, sem perspectivas de abertura ideológica. E nesses amplos limites sempre se inscreveu a obra de Antonioni, como se pôde observar em "Os vencidos" (1952), "As amigas" (1955), "O grito" (1957), "A aventura" (1960), "A noite" (1961) e "O eclipse".

Os problemas do par, de um homem e de uma mulher, dentro do contexto social, fazem o centro dramático de "O eclipse", como já tinham feito nos outros filmes, com exceção de "Os vencidos" e "As amigas", cuja problemática moderna difere nas suas fontes e resultados.

Aqui são Piero e Vittória, como em "Crimes da Alma" eram Guido e Paola, em "O grito" Aldo e Irma, em "A aventura" Sandro e Cláudia, em "A noite" Giovanni e Lídia. Nenhum desses casais está solto num espaço romanesco. Todos estão intimamente ligados à estrutura social. Seus atos refletem os erros da vida circundante. Piero é um jogador da Bolsa e se comporta amorosamente com esse caráter. Guido é um empregado medíocre que reencontra a antiga noiva tornada milionária e age com a vacilação dessa natureza. Aldo é um escritor que teve de fazer concessões para triunfar literalmente e na sua vida conjugal não se empenha por uma solução mais firme. E Sandro é um arquiteto que, igual a Aldo, se prostituiu como artista e também se prostuiu como amante. Pertencem ao seu grupo e no fundo são os interesses deste que elaboram o seu processo pessoal.

Poderão dizer que Antonioni não realiza um cinema fácil, que usa hermetismos e não se importa de só dirigir-se a um público menor. Na verdade, seus filmes — e "O eclipse" não foge ao conceito — utilizam meios que exigem a meditação do espectador. "O eclipse" não tem a intenção de divertir, não é um divertimento. Pensa sobre o mundo contemporâneo e seus habitantes nas grandes cidades, com as inquietudes, as dúvidas, as incertezas, os conflitos que os dominam, mas o difícil em Antonioni não reside na linguagem: sim, nos abismos de sua ontologia e de sua sociologia. Vendo os seres profundamente, e implantando-os

também sólidamente na sua classe, para entendê-los o espectador tem de possuir menos passividade de análise e mais possibilidade de síntese.

Por exemplo: a sequência final de "O eclipse". Ou se medita sobre aquela paisagem só aparentemente despovoada ou não entende o seu sentido. Ausentes os personagens, a câmara mostra no presente vazio — e talvez ainda deserto no futuro — aqueles lugares que foram os da vivência de Piero e Vitoria, de sua breve e intranquila aventura de amor. Não é um documentário. É uma reflexão.

Cineasta para ser visto e revisto, Antonioni ficará como um dos raros cineastas que tiveram uma filosofia autêntica e pessoal sobre a sociedade moderna.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

